



## LINGUAGEM, ÉTICA E COMPORTAMENTO NO PENSAMENTO TARDIO DE WITTGENSTEIN

VALÉRIO HILLESHEIM<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo aborda a concepção de atividade filosófica voltada para a ética no pensamento tardio de Wittgenstein. Para melhor compreender o desenvolvimento do tema, em alguns momentos do trabalho são feitas relações com fases anteriores de seu pensamento. A ética, em Wittgenstein, tem como finalidade esclarecer a gramática dos conceitos envolvidos nos jogos de linguagem que expressam valores em que o comportamento humano, na interação com os outros, mobiliza razões e contrarrazões. Os conceitos do que é permitido e do que é obrigatório são análogos aos conceitos de contingência e de necessidade, na lógica e na epistemologia. Eles se apresentam na prática e dizem respeito ao campo das escolhas qualificadas como aceitáveis ou não aceitáveis do ponto de vista ético. A análise gramatical de Wittgenstein visa a esclarecer as condições de possibilidade para uma vida digna, feliz e com sentido, nisso consiste sua importância e atualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** ética; linguagem; comportamento; sentido da vida.

**ABSTRACT:** The article addresses the conception of philosophical activity focused on ethics in Wittgenstein's late thought. To better understand the development of the theme, in some moments of the work, relationships are made with previous phases of his thought. The aim of ethics in Wittgenstein is to elucidate the grammar of the concepts inherent in language games that express values, in which human behavior in interaction with others mobilizes reasons and counter-reasons. The concepts of what is permitted and what is obligatory are analogous to the concepts of contingency and of necessity, in logic and epistemology. They appear in practice and concern the field of choices qualified as acceptable or not acceptable from an ethical standpoint. Wittgenstein's grammatical analysis aims to clarify the conditions of possibility for a dignified, happy, and meaningful life, which is of great importance and topicality.

**KEYWORDS:** ethics; language; behavior; meaning of life.

### 1. Considerações Introdutórias

O objetivo deste trabalho é apresentar a possibilidade de reconhecer o tema da ética no pensamento tardio de Wittgenstein que se expressa em uma interconexão conceitual bastante vaga. O tema da ética não aparece como um objeto explícito. Além da *Conferência sobre Ética* e alguns aforismos do *Tractatus*, não se encontra um tratamento filosófico claro e objetivo sobre

---

<sup>1</sup> Professor Titular de Filosofia da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e Doutor em Ensino, História e Filosofia das Ciências pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)/Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: valeriohill@gmail.com.

os principais conceitos da ética, como é o caso de conceitos epistêmicos, certeza, dúvida, saber e a gramática de conceitos aparentados. Não há, no pensamento de Wittgenstein, a elaboração de uma concepção teórica de ética ou uma análise minuciosa dos conceitos centrais desse campo de estudo. Encontramos em alguns aforismos o esclarecimento do que pode ser entendido como ética e a análise terapêutica das formas gramaticais que expressam valores ou juízos morais. Por essa razão, relacionaremos, de forma crítica e interpretativa, o que consta em obras publicadas com aforismos que versam sobre conceitos relacionados à ética, dispersos em diversos momentos de seu pensamento, também em *Cartas* e nos *Diários*.

Os procedimentos metodológicos consistem em nos situarmos e respeitarmos a estrutura, o estilo e a lógica das próprias obras, “Refazer, após o autor, os movimentos de que a estrutura da obra guarda o traçado é repor em movimento a estrutura e, desse modo, situar-se num tempo lógico” (Pereira, 1963, p. 143). A partir desse domínio, acreditamos que é possível fazer uma leitura crítica e hermenêutica, pois “Aquilo que conta como prova adequada de uma afirmação é do domínio da lógica. Pertence à descrição do jogo de linguagem” (Wittgenstein, 2000, p. 35). Seguir essas indicações consiste em um desafio enorme, pois o pensamento de Wittgenstein, sobretudo em sua fase tardia, não está organizado de forma sistemática e estruturada. Conforme Stroll (1994, p. 81), “[...] Wittgenstein nunca explica exatamente o que é ou o que exatamente deveria se realizar de fato. Ele parece presumir que o leitor construirá esboços de paisagens”. Ou seja, que tenha a capacidade de identificar e entender o esclarecimento da natureza gramatical dos conceitos que estão sendo descritos e exemplificados, pois os aforismos estão desconexos entre si. Por isso, Stroll (2002, p. 446) afirma: “A maior dificuldade parece ser que não está claro onde o autor quer chegar. Há poucos argumentos nesses trabalhos [...] os escritos oscilam [...] e o leitor fica afogado em uma confusão de palavras”. Para buscar uma compreensão satisfatória do pensamento ético expresso em alguns desses aforismos, acreditamos ser adequado usar o método hermenêutico, tal como compreendido por Gadamer. Esse método coloca o leitor diante do texto, de maneira situada e contextualizada:

[...] Diante de um texto, por exemplo, o intérprete não procura aplicar um critério geral a um caso particular: ele se interessa, ao contrário, pelo significado fundamentalmente original do escrito de que se ocupa. [...] Quando compreendemos um texto, não nos colocamos no lugar do outro, nem é o caso de pensar que se trata de penetrar a atividade espiritual do autor; trata-se, isto sim, de apreender simplesmente o sentido, o significado, a perspectiva daquilo que nos é transmitido. Trata-se, em outros termos, de apreender o valor intrínseco dos argumentos apresentados, e isto de maneira mais completa possível. [...] compreender é o participar de uma perspectiva comum (Gadamer, 2003, p. 57-59).

Com os procedimentos acima elencados, acreditamos nos aproximar da análise de Wittgenstein sobre o sentido dos juízos morais e dos valores, com vistas a esclarecer as confusões conceituais.

## 2. Esclarecimento gramatical

A distinção mais importante, na investigação da gramática dos conceitos centrais da ética é a diferenciação entre necessidade moral e necessidade lógica<sup>2</sup>, pois não há necessidade natural. Se a lógica e a ética são transcendentais, conforme o *Tractatus*, deve haver alguma relação entre as proposições sem sentido da lógica e as proposições absurdas da ética. Os juízos e valores morais estão implicados com a necessidade, na medida em que determinam que as ações devem ser de determinada forma e não de outra. Esse dever ser é entendido como necessário, não como contingente. O contingente está na dimensão descritiva dos fatos e fenômenos.

Contudo, deve haver uma diferença entre a necessidade lógica e a obrigatoriedade moral. A necessidade lógica, exemplarmente identificada na tautologia<sup>3</sup> e na contradição, é, de certa forma, vazia e formal, ao passo que a obrigatoriedade moral deve estar implicada com as razões que determinam a ação, a partir da liberdade e da autonomia. Liberdade e coercitividade moral devem, portanto, ser conciliáveis, sob pena de não haver a possibilidade de ações espontâneas e independentes no comportamento ético. A distinção entre necessidade lógica e necessidade moral não é desenvolvida por Wittgenstein. Alguns intérpretes afirmam que a necessidade moral deriva da necessidade lógica ou que elas não se distinguem.<sup>4</sup> Não é a proposta e nem haveria espaço para o desenvolvimento completo desta distinção, aqui, será objeto de outro estudo. A necessidade lógica está bem estabelecida na seguinte passagem:

Na lógica, nada é casual: se a coisa pode aparecer no estado de coisas, a possibilidade do estado de coisa já deve estar prejudgada na coisa. Pareceria como eu um acaso se à coisa, que pudesse existir só, por si própria, se ajustasse depois uma situação. Se as coisas podem aparecer em estados de coisas, isso já deve estar nelas. (O que é lógico não pode ser meramente-possível. A lógica trata de cada possibilidade e todas as possibilidades são fatos seus). Assim como não podemos de modo algum pensar em objetos espaciais fora do espaço, em objetos temporais fora do tempo, também não podemos pensar em

---

<sup>2</sup> Necessidade lógica, tal como apresentada no *Tractatus* (1994, p. 273): “Não há coerção em virtude da qual, porque algo aconteceu, algo mais deva acontecer. Só há necessidade lógica”.

<sup>3</sup> “A verdade da tautologia é certa; a da proposição é possível; a da contradição impossível” (Wittgenstein, 1994, p. 199).

<sup>4</sup> É o caso, por exemplo, de Hare (2003) e Jourdan (2021).

nenhum objeto fora da possibilidade de sua ligação com outros. Se posso pensar no objeto na liga do estado de coisas, não posso pensar nele fora da possibilidade dessa liga. (Wittgenstein, 1994, p. 135-137).

As razões que determinam essa necessidade não podem ser incompatíveis com a ideia de liberdade e autonomia. Essa é uma das razões principais que exigem a distinção entre necessidade lógica e necessidade moral. A necessidade lógica pode ser resumida às relações e regras formais em sistemas linguísticos. Além de ser independente de todo conteúdo, é impessoal e não tem relação com a dimensão da vida efetiva, lugar próprio da necessidade moral, pois é o espaço das práticas humanas e formas de vida.

O princípio motor da ação, no sujeito agente, tal como pensava Aristóteles (1979), e a vontade autônoma, como pensava Kant (2005), não podem ser pensados a partir da causalidade natural, sob pena de incompatibilidade com a liberdade. Em Wittgenstein, além de mostrar que o campo da ética é distinto do campo natural, vemos que as ações éticas não podem estar fundamentadas na diversidade e pluralidade culturais, onde reina o relativismo, pois o relativismo cultural é incompatível com os valores perenes e objetivos que estão na base das ações éticas, a partir dos juízos morais. As proposições éticas<sup>5</sup> expressam valores, em seus diferentes contextos de uso. Onde estaria baseado, então, o dever ser pensado como fundamento da ética? É possível tal fundamento? O próprio Wittgenstein não busca mais um fundamento, pois o fundamento é a ação, a prática. “Palavras são também atos” (Wittgenstein, 1996, p. 197), o que indica que as ações morais não podem ser pensadas fora dos jogos de linguagem que expressam valores e juízos morais, em atos onde o permitido e o obrigatório aparentados com os conceitos de possível e de necessário estão imbricados. A ética não poderia estar fundamentada no relativismo cultural, pois é o reino da contingência e não da necessidade.

O tema da ética foi uma das questões de extrema relevância para Wittgenstein. Apesar de não ter escrito obras sobre ele, tratou do tema de forma peculiar, muito provocativa e crítica, em diversas passagens de suas obras, em diversos aforismos, além de ter proferido a conferência sobre ética, com posterior publicação por seus editores. Os principais estudos sobre a ética em Wittgenstein são sobre suas considerações no *Diário*, no *Tractatus* e na *Conferência sobre Ética*. A importância da ética pode ser inferida a partir de expressões como esta: “Tranquilidade nos pensamentos: eis ao que aspira alguém que filosofa” (Wittgenstein, 1996, p. 69). A reflexão

---

<sup>5</sup> Se a expressão “proposições éticas” fosse usada no sentido do *Tractatus*, ela seria considerada absurda. A mesma expressão, usada a partir das *Investigações*, seria considerada criterial, normativa ou condição de possibilidade de proposições que descrevem atos praticados com fundamento ético. É possível descrever as ações praticadas, mas não os valores que são fundamento dessas ações.

e as decisões éticas têm para Wittgenstein um caráter pessoal e revelam a sua necessidade de compromisso com a busca pelo esclarecimento para poder agir com serenidade e certeza moral.

A partir dessa perspectiva, podemos interpretar que Wittgenstein faz uma análise da linguagem de forma metódica, portanto, uma análise gramatical dos usos dos conceitos, com exemplificações e descrições voltadas para as questões filosóficas ambíguas e problemáticas, logo, também para as questões de ética e filosofia moral. Na dimensão ética, podemos pensar, conforme indica Dall’agnol (2010), diversos jogos de linguagem na moral: os imperativos, os valorativos e os performativos. Assim, os jogos de linguagem expressam modos de agir. Nas *Investigações*, Wittgenstein (1996, p. 115), apresentando a gramática de conceitos imaginativos, diz:

Imagine que você fosse como pesquisador a um país desconhecido cuja língua você desconhece completamente. Em que circunstância você diria que as pessoas de lá dão ordens, entendem as ordens, cumprem ordens ou se insurgem contra elas etc.? O modo de agir comum dos homens é o sistema de referência por meio do qual interpretamos uma língua estrangeira.

Esse sistema de referência está imbricado com as formas de vida. De modo similar, interpretamos o modo como ocorrem as ações éticas ou imorais dos sujeitos agentes que praticaram tais atos. Para que seja percebida essa correlação, devemos considerar que, na dimensão normativa, existe uma “[...] correspondência entre os conceitos de “regra” e “significado”” (Wittgenstein, 2000, p. 31). O critério para a compreensão do significado a partir do uso pode ser, sem prejuízo, usado nos jogos de linguagem que expressam comportamentos com implicações éticas.

### 3. A Ética e as condições de sentido da ação

O problema da vida com sentido e da vida feliz foi uma preocupação desde o *Diário*, do *Tractatus* e da *Conferência sobre Ética*. Entendemos que, no pensamento tardio, apesar da mudança de método, a preocupação com o sentido da vida, com a felicidade e com o bem-estar comum da humanidade ainda é essencial. No entanto, Wittgenstein não apresenta uma concepção teórica da ética para alcançar esses fins. Parece-nos, então, que ele entende que cada ser humano pode fazer a experiência da prática do bem<sup>6</sup>, de vivências coerentes com a busca

---

<sup>6</sup> “A vida pode educar-nos para a fé em Deus. E são também as experiências que o fazem; mas não me refiro a visões e a outras formas de experiência dos sentidos que nos mostram a ‘existência deste ser’, mas, por exemplo, a sofrimentos de vários tipos. Estes nem nos revelam Deus do mesmo modo que a experiência dos sentidos nos revela um objeto, nem dão origem a quaisquer conjecturas a seu respeito. As experiências, os pensamentos – a vida pode impor-nos estes conceitos” (Wittgenstein, 2000, p. 125). Como há um parentesco entre religião, mística e ética, o aprendizado dos conceitos e da prática ética pode se dar de modo análogo.

de um sentido de viver feliz, e que toda a humanidade pode almejar isso. Talvez, pressuponha a educação como forma de adquirir as competências e habilidades para tal, já que o “Conhecimento é, em última instância, baseado no reconhecimento” (Wittgenstein, 2000, p. 109). Só temos conhecimento teórico e prático pela educação: “Quero dizer que uma educação totalmente diferente da nossa poderia também ser a base para os conceitos inteiramente diversos” (Wittgenstein, 1989, p. 93).

Acreditamos que deve haver um desenvolvimento moral e cognitivo para se agir eticamente e poder assumir a responsabilidade pelos atos praticados. Para proceder com o reconhecimento, a fim de incluir o outro como copresença e coparticipação, condição para o entendimento dos valores objetivos da ética, é necessário o domínio do sistema de referência valorativo que pressupõe a educação e o saber: “O nosso saber forma um sistema enorme. E só no interior deste sistema é que o singular tem o valor que lhe damos” (Wittgenstein, 2000, p. 115). Essa singularidade pode ser do “eu” e do “tu” que devem formar a comunidade humana, o “nós”. Isso pode ser muito bem aquilo que “[...] tem de nos ser ensinada como base” (Wittgenstein, 2000, p. 127). A incapacidade da ação ética, para muitas pessoas, pode ter a ver com a “Falta de um quadro de referências [...]” (Wittgenstein, 2000, p. 131). Como entender, então, como aparece o dever ser, base do comportamento ético? “Você deve olhar para a prática da linguagem e então verá isso” (Wittgenstein, 2000, p. 143). Devemos observar que a linguagem, como prática, como ação, de onde deriva a compreensão do significado “Está aí – tal como a nossa vida” (Wittgenstein, 2000, p. 157), isso significa uma ligação efetiva com a vida. Portanto, tem a ver com as formas de vida que são a base dos jogos de linguagem.

O aprendizado do que são os juízos e valores, e como os usamos, vem desde a infância, conforme consta em *Da Certeza*: “[...] ensinam-nos juízos e a sua ligação a outros juízos. Torna-se plausível para nós uma totalidade de juízos” (Wittgenstein, 2000, p. 3). É justamente nesse processo que podem surgir as confusões e mal-entendidos. Na hora da apresentação de razões para convencer o outro da importância e do sentido dos valores e da legitimidade na elaboração de juízos morais, para o sentido da vida, pode se dar o grande empecilho para o entendimento comum.

Pode ser que o outro esteja envolvido em confusão conceitual e não entenda as razões apresentadas. Mas não poderia ocorrer que ambos concordem na legitimidade das razões e, mesmo assim, decidam fazer o contrário? Sim, por liberdade, poderiam fazer o contrário do dever ser ou do que é tido como obrigatório, moralmente falando. Mas por que alguém em sua consciência faria o contrário do que é necessário para uma vida com sentido e feliz? Os motivos

poderiam ser diversos: falta de clareza, falta de habilidade, falta de compreensão das implicações decorrentes de tais escolhas, entre outros. O conceito principal envolvido é o de possibilidade, já que “[...] a correção de um juízo moral não pode demonstrar-se de tal maneira que não seja possível recusar o juízo” (Kuusela, 2018, p. 57). Entendemos que essas razões são difíceis de serem compreendidas dadas a complexidade e a multiplicidade de fatores envolvidos. São os loucos, os malvados, os de má-fé que fazem isso?<sup>7</sup> Ou os seres inteligentes, mas com carência de sabedoria de vida? Talvez.

Para a limitação do desenvolvimento moral, podemos mencionar os casos de limitação física ou deficiência física<sup>8</sup>: algumas deficiências, distúrbios mentais sérios, a ausência de oportunidades de adquirir as habilidades para a compreensão do que é eticamente desejável. Em última instância, deve ser possível que os utentes da linguagem, em determinados contextos, joguem os jogos de linguagem valorativos da moral com a apropriação das regras próprias desses jogos. Assim, “Pode-se explicar a alguém um jogo: ele pode compreender tal explicação, mas não conseguir aprender o jogo, ou ser incapaz de compreender uma explicação do jogo. Também é imaginável o contrário” (Wittgenstein, 2009a, § 320).

A partir disso, podemos entender o caráter inconclusivo das razões morais. A prática da justificação e dos desacordos morais nos lança, então, para os desafios de entender os valores objetivos da ética e os juízos de valor usados para avaliar a vida que vale a pena ser vivida. O caráter inconclusivo parece existir por Wittgenstein não concordar com o ceticismo, o relativismo, o cientificismo, o psicologismo, o idealismo, com o caráter unilateral de certas razões, com a oscilação entre critérios e sintomas, presentes na argumentação, com o pragmatismo, com o utilitarismo e toda sorte de elementos que obliteram a clareza da possibilidade do sentido da vida feliz. As razões que ele submete à análise gramatical estão envolvidas com alguns dos elementos que adoecem o pensamento, por isso a suspensão da aprovação de qualquer uma delas. Se houvesse um caráter conclusivo na argumentação ética, provavelmente ela estaria sendo tratada a partir de uma visão unilateral ou de alguma forma de dogmatismo. Se há um caráter inconclusivo, não restariam somente desacordos? E, em caso afirmativo, como compreenderíamos, então, do que trata a ética? Pensamos que a ética poderia

---

<sup>7</sup> Uma das questões essenciais da ética é a relação entre seres humanos, a relação com o outro. De algum modo, as interrelações implicam, a partir do que é permitido ou obrigatório, fazer certos acordos ou consensos. Na prática, talvez seja o maior dos desafios, ainda mais que essas implicações estão envoltas e eivadas em um “[...] perene mistério” (Salles, 2024, p. 189).

<sup>8</sup> Uma deficiência física só pode limitar o desenvolvimento moral se ela impede a convivência e a interação social, a compreensão do significado de regras, princípios e valores que fundamentam as ações morais e o desenvolvimento, mínimo, de competências e habilidades cognitivas, afetivas e sociais. Por si só, uma deficiência, seja ela qual for, não deve diminuir em nada a garantia, o direito e o fruir das condições de uma vida digna.

ser compreendida a partir do compartilhamento de formas de vida, em determinados contextos, pela semelhança de família em jogos de linguagem onde os valores morais e os juízos morais seriam expressos.

#### **4. A possibilidade da ética e a experiência de sentido**

Para Wittgenstein, parece haver a possibilidade de fazermos uma experiência ética, análoga à experiência estética e à experiência mística. O sentido dos valores morais objetivos seria compreendido em uma vida autêntica, em conformidade com o que dá sentido à vida e permite ao ser humano fazer uma experiência de vida que seja feliz, como se fosse possível a seguinte descoberta: qual é a vida da vida ou qual é o sentido da vida. O sentido poderia ser alcançado por experiências e vivências genuínas nas e com as ações.

Evidentemente, isso só pode ser possível se compartilharmos formas de vida em que tais práticas, engastadas em valores, possam ser as condições de uma vida coparticipativa. O sentido ético da vida deve decorrer da possibilidade de engajamento com o que é significativo e valorativo. Nas trocas reais e simbólicas desse processo, “Não posso ensinar a ninguém um jogo que eu mesmo não possa aprender” (Wittgenstein, 2009a, § 28). Destarte, a copresença do outro estaria como condição desde o ponto de partida da prática ética: “No caso, para uma diferença gramatical ser superada é preciso encontrar alguma correspondência entre distintas formas de vida” (Salles, 2024, p. 187).

O esclarecimento gramatical dos conceitos implicados nos jogos de linguagem valorativos faz com que a possibilidade da experiência ética seja pensada como ação esclarecida. A ação ética, nesses termos, não ficaria à margem de oscilações entre critérios e sintomas, entre valores absolutos, como fundamento da ação e a própria ação. As fronteiras entre os conceitos do possível e do necessário, embora compoitem a vagueza própria do campo das escolhas, a partir do que é permitido e do que é obrigatório, não significa agir de qualquer forma, pela casuística do conveniente e do oportuno, mas agir a partir da instituição do dever ser, como condição da vida digna, com sentido e feliz.

A possibilidade de entender a experiência ética no Wittgenstein tardio é encontrada em vários aforismos de Wittgenstein, em obras do seu pensamento tardio, bem como nas palavras de vários de seus intérpretes. Por exemplo, Glock (1998, p. 175), quando diz: “[...] o reconhecimento de que a gramática é uma parte essencial das práticas humanas, estando, por isso mesmo, sujeita a mudanças”, ao falar de práticas humanas, não está excluindo a prática moral. Essa afirmação dialoga com a ideia de Wittgenstein de que “[...] representar uma

linguagem equivale a representar uma forma de vida” (Wittgenstein, 1996, p. 23). Em geral, o tema da ética é estudado, pela maioria dos seus intérpretes, no *Tractatus* e no texto *Conferência sobre Ética*. Alguns estudos do período tardio colocam Wittgenstein como cético, relativista ou fundacionista. Acreditamos que isso não se sustenta e que Wittgenstein ainda tem uma preocupação universal e objetiva em relação à ética. No entanto, no pensamento tardio, a universalidade não é mais a do *Tractatus*. Por isso, “os limites gramaticais não mais coincidem com limites lógicos universais” (Salles, 2024, p. 165). A universalidade é pensada no interior dos jogos de linguagem, portanto contextualizada e regionalizada, não sendo mais pensável um universal puro e *a priori*.

O jogo de linguagem que imbrica ética e forma de vida pode conter expressões como “isso é bom”. “Introduzimos o ouvinte numa sensibilidade ética que ele acabará por interiorizar” (Heleno, 2021, p. 222). Com esse despertar para o senso ético, haveria a conscientização de que “Não se pode levar os homens ao bem” (Wittgenstein, 2000, p. 16), mas pode sugerir a busca própria de uma experiência com sentido valorativo. Mesmo sendo algo que não se possa dizer, temos que lembrar que “[...] o inexpressável está contido – inexpressavelmente – no expressado” (Wittgenstein, 2009a, p. 38). Nessa perspectiva, conceitos como vontade, querer, intenção, liberdade, responsabilidade, entre outros, próprios da ética, podem ser compreendidos a partir da semelhança de família como conceitos aparentados, interconexão conceitual nos jogos de linguagem em que são expressos.

As questões, as tensões e os dilemas morais implicados na ética necessitam de um esclarecimento. A principal tensão é entre os valores tidos como absolutos e objetivos e a prática que se dá em contextos determinados, com circunstâncias específicas e contingentes. É bem conhecida a hesitação de Wittgenstein em defender a possibilidade da ética. A própria conferência que foi transformada em texto e publicada posteriormente revela as dificuldades envolvidas em pensar a possibilidade de fundamentar a ética. O próprio Wittgenstein e alguns intérpretes chegam a pensar na morte da ética, de modo similar à morte de Deus decretada por Nietzsche<sup>9</sup>. Pela carência de reflexões explícitas sobre a ética em seus textos, devem-se considerar, então, alguns aforismos, dispersos em diversas obras, que estão implicados com a noção de valores e juízos éticos ou com a dimensão volitiva e a ideia de “eu”, na tomada de decisão, relacionada à possibilidade de sentido da vida. Além disso, há confissões e conversas

---

<sup>9</sup> Essa hipótese só faz sentido, partindo de Wittgenstein, se a ética for colocada como ciência, como objeto de experiência factual, como fundamentada na dimensão antropológica ou psicológica. Na realidade, entendemos que Wittgenstein quis salvar a ética dessas possibilidades.

de Wittgenstein com amigos, descritas em cartas, nos *Diários* e relatos elencados pelos editores de sua obra<sup>10</sup>.

A colocação feita por Wittgenstein, em *Conferência sobre Ética*, das razões envolvidas na distinção entre o absoluto e o relativo, de certo modo permanece no pensamento tardio. Porém, diante das dificuldades envolvidas em delimitar o lugar da ética, o silêncio foi a saída mais plausível. Apesar de a solução filosófica invocar o silêncio, há o esclarecimento do que está em jogo ao pensarmos a ética e até mesmo definições como estas: “[...] a Ética é a investigação sobre aquilo que é valioso, ou sobre o que é realmente importante, ou poderia ter dito que a Ética é a investigação sobre o significado da vida, ou sobre aquilo que torna a vida digna de ser vivida, ou sobre a maneira correta de viver” (Wittgenstein, 2005, p. 5). O autor problematiza essas definições e mostra a impossibilidade de entendermos o que é ética, dada a impossibilidade de encontrarmos proposições com sentido nesse campo. Um dos desafios principais é a constatação do caráter equívoco presente nos enunciados que pretendem definir em que consiste a ética: “Ora, a primeira coisa que chama atenção em todas estas expressões é que, de fato, cada uma delas é usada em dois sentidos muito diferentes. Chamar-lhes-ei o sentido trivial ou sentido relativo, por um lado, e o sentido ético ou absoluto, por outro” (Wittgenstein, 2005, p. 5).

Para superar os impasses envolvidos nessa equivocidade, Wittgenstein distingue as proposições que têm sentido trivial e relativo das que têm sentido absoluto. Mas só isso parece não ser suficiente, pois “Usadas desta maneira, estas expressões não apresentam quaisquer problemas difíceis ou profundos. Todavia, não é assim que a Ética as usa” (Wittgenstein, 2005, p. 5). Por isso, é essencial fazer o esclarecimento lógico que está em jogo no uso e desfazer as confusões e a equivocidade. Os juízos de valor relativo dizem respeito às enunciações de fato, e os juízos éticos dizem respeito ao absoluto. Wittgenstein mostra a irreduzibilidade da ética aos juízos de fato. A ética deve buscar o significativo, o importante, o correto, o dever ser em busca de viver o Bem, razão de ser do sentido da vida feliz.

A obra faz diversos esclarecimentos, mostrando que o ético não é natural, não é científico, não é mensurável, não é da dimensão psicológica, não é da dimensão antropológica, não se pode escrever um livro sobre ética, ela não pode ser ensinada. Ela não pode ser fundamentada, ela não é uma teoria, ela não pode estar no espaço e no tempo, o que é próprio dos fenômenos e fatos. Por isso, ela é sobrenatural, é da ordem do místico, algo que transcende a todo o mundo natural.

---

<sup>10</sup> Para acompanhar vários diálogos, provocações e declarações de Wittgenstein, vide Bouwsma (2005).

A partir do que foi dito acima, surge o questionamento fundamental em torno do qual gravitam inúmeras outras questões decorrentes desta. Se no pensamento tardio não temos mais um texto sobre ética, é ainda possível pensar uma ética em Wittgenstein? Se é possível, como ela poderia ser caracterizada, a partir de poucos aforismos, declarações e relatos dispersos em obras, cartas e depoimentos? Consideradas as mudanças no pensamento de Wittgenstein, a partir dos anos 29 e 30, onde se localiza a *Conferência sobre Ética*, até o pensamento tardio, como pensar a ética a partir da filosofia terapêutica de Wittgenstein? Essa questão alimenta aquilo que permanece como busca valorativa essencial de sua filosofia, apesar das mudanças de método e de perspectiva. Portanto, não são questões retóricas e superficiais. Elas solicitam a atenção a tudo o que está em jogo nos atos tidos como morais e suas circunstâncias.

### 5. No ‘princípio era o ato’ e as formas de vida

Entendemos que a ética é possível de ser pensada a partir das formas de vida humanas que constituem uma base para pensarmos um padrão de comportamento comum, a partir de valores objetivos, expressos em jogos de linguagem, em determinado contexto, em que as razões são apresentadas para compreender como se dá o comportamento valorativo, inclusive os acordos e desacordos. Esses acordos ou desacordos não são meras opiniões, mas envolvem o dever ser a partir das formas de vida. Os experimentos de pensamento, a gramática dos conceitos imaginativos, as semelhanças de família, as experiências de sentido relacionadas ao místico e ao estético, que são análogas às experiências do ético, permitem inferir que é possível compreender do que se trata o comportamento ético no pensamento tardio e o que se opõe a ele. Afinal de contas, “A fim de fazer um erro, um homem já tem que julgar de acordo com a humanidade” (Wittgenstein, 2000, p. 57).

Wittgenstein caracteriza, nas *Investigações* (1996), a mentira como um jogo de linguagem. Da mesma forma, poderíamos pensar as promessas, os juízos de valor, os atos volitivos como compreensíveis a partir de um jogo de linguagem específico:

Uma criança aprende a andar, a gatinhar, a brincar. Não aprende a jogar voluntária ou involuntariamente. Mas o que transforma os seus movimentos do jogo em movimentos voluntários? – como seria se fossem voluntários? – poderia igualmente perguntar: o que torna este movimento um jogo? – as suas características e o seu contexto (Wittgenstein, 1989, p. 132).

Esse contexto está imbricado com as formas de vida e com os jogos de linguagem, dos quais é base constitutiva: “[...] o fato de agirmos de tal e tal maneira, de que, por exemplo, punimos

certas ações [...] damos ordens [...]. O que deve ser aceito, o dado – poderíamos dizer – são fatos da vida/são formas de vida” (Wittgenstein, 2008, p. 143).

Acreditamos que as razões apresentadas para defender porque vale a pena agir de um modo em detrimento do outro estejam imbricadas nas respectivas formas de vida, e isso é essencial. Entendemos que há uma imbricação entre as ações tidas como éticas e as formas de vida, pois elas são condição de possibilidade das práticas, segundo Kober (1993). As ações valorativas e que dão sentido à vida emergem da compreensão do ato como aquele que expressa os valores como constitutivos da existência. A especificidade dessa deontologia do ato, expressa em jogos de linguagem constituídos por regras gramaticais, possibilita compreendermos o sentido dos conceitos e das ações morais. Mesmo com as ações sendo descritas ou expressas em diferentes jogos de linguagem, com oscilação do estatuto das proposições, de empíricas para gramaticais e de gramaticais para empíricas, demonstra-se que não há um padrão único e uniforme das ações. Dessa forma, “A ação humana vem incrustada em um contexto humano de práticas e de vida, nos quais, e só nos quais, a regra, seu seguimento e seu jogo adquirem sentido e são tais. Ao final de toda interpretação está a prática humana e a vida humana” (Reguera, 2002, p. 197). Pensar a ética a partir desse contexto, sem cair no relativismo, no utilitarismo, no pragmatismo e no ceticismo, abdicando das explicações causais<sup>11</sup>, naturalistas e psicologistas, é tarefa principal do pensar filosófico de Wittgenstein. Assim, “Se descobrirmos que os chineses têm um tipo de prática e os europeus têm outro tipo de prática, então essas são realmente duas maneiras diferentes de cumprir o mesmo imperativo ou de realizar o mesmo bem. (Cf. “as legítimas razões” que justificam uma ação)” (Rhees, 2015, p. 48. Tradução nossa).

A ação ética deve ser bem caracterizada, nos jogos de linguagem, para ser compreendida em sua especificidade e implica responsabilidade do sujeito agente consigo próprio, com os outros, com a natureza, com a vida e o seu sentido e muitas outras questões. Para que a responsabilidade exista, deve haver a possibilidade de pensarmos o ato voluntário: “[...] tiram-se dos movimentos involuntários conclusões bem diferentes das que se tiram dos voluntários: isto caracteriza o movimento voluntário” (Wittgenstein, 2008, § 850). Pensar a responsabilidade a partir das ações, nos jogos de linguagem imbricados em formas de vida, é pensar a relação intrínseca entre ação e responsabilidade. Isso é extremamente relevante e está bem estabelecido em passagens como esta:

---

<sup>11</sup> “Se me perguntam ‘Você vai agir assim?’ – eu reflito sobre razões para e razões contra” (Wittgenstein, 2008, § 815).

Existe um determinado conjunto de movimentos, palavras, caras, como as manifestações de relutância ou prontidão que caracterizam os movimentos voluntários do homem normal. Quando chamamos a criança, ela não vem voluntariamente. Há ali, por exemplo, o gesto “Não quero!”. Ou há a vinda alegre, a decisão de vir, a fuga com sinais de medo, os efeitos da persuasão, todas as reações do jogo, os sinais de reflexão e seus efeitos (Wittgenstein, 2008, § 841).

A análise gramatical que Wittgenstein faz dos conceitos implicados com as ações éticas permite pensar a obediência a uma autodeterminação que se distingue de toda coercitividade. Conceitos como vontade, querer, intenção, liberdade, responsabilidade, entre outros, são analisados com vistas a eliminar confusões, entre os principais estão os parágrafos 611-693 das *Investigações Filosóficas*. A interpretação também é feita a partir da analogia com conceitos de *ter em mente*, o que sugere a importância das ideias de semelhança de família, contexto de uso e aplicação dos conceitos e formas de vida. Com essa perspectiva, acreditamos que o pensamento sobre ética no Wittgenstein tardio esclarece, ainda que de forma indireta, os usos e o papel dos critérios normativos, dos valores absolutos, dos juízos morais e do comportamento humano fundamentado em um quadro de referência valorativo. Wittgenstein não apresenta o que seria esse quadro de referência valorativo. No *Da Certeza* (2000) ele fala em quadro de referência epistêmico, como algo herdado. Pensamos que o mesmo raciocínio pode ser aplicado para um quadro de referência valorativo que faça sentido para as ações éticas. “Quero dizer: usamos juízos como princípios para a formulação de juízos” (Wittgenstein, 2000, p. 47).

O comportamento humano não pode ser avaliado apenas a partir da perspectiva dos atos praticados e dos resultados ou consequências desses atos. O significado dos atos tidos como eticamente aceitáveis só é compreendido quando a perspectiva do avaliador comunga com as regras gramaticais dos jogos valorativos, compromissivos, punitivos, performativos, entre outros, onde há a compreensão de elementos comuns que estão na base desses jogos de linguagem. As divergências surgem pelas diferentes formas pelas quais as pessoas foram educadas, por diferenças culturais, pela apropriação e uso de um quadro de referência valorativo distinto de outras pessoas, de uma imagem de mundo distinta das demais, entre outras coisas: “Se elas realmente têm um conceito diferente do meu, então isso se deve mostrar em minha falta de familiaridade com seu emprego da palavra” (Wittgenstein, 2009a, § 123). Dessa forma, na ética o universal concreto não é mais buscado em uma determinação generalista dos limites do possível, mas a partir de uma determinação gramatical própria de possibilidades que emergem de contextos específicos das práticas humanas. Poderíamos chamar isso de deontologia do ato. Assim sendo, o valor está no próprio ato.

### Considerações finais

O percurso deste trabalho permite concluir que a análise gramatical dos conceitos de ética não defende ou se compromete com o naturalismo, com o cientificismo ou com o relativismo. Se estamos no campo do comportamento moral, as coisas que são feitas de uma forma devem necessariamente admitir alternativas, ou seja, elas poderiam ser feitas de outra forma. Caso contrário, não haveria a possibilidade de pensarmos a liberdade como constitutiva das ações éticas e o pretenso bem incondicional implicado na base de tais ações. Por isso mesmo, não se pode esperar que haja uma resolução lógica ou científica nas questões éticas. A lógica pode ser, no máximo, um instrumento necessário para explicitar as razões do comportamento ético, mas não seria uma condição suficiente. O esclarecimento da ética nos coloca em uma perspectiva de contemplar a dimensão de mistério na existência. A procura de esclarecimento diz respeito ao que existe de mais peculiar, valoroso e íntimo na vida de cada ser humano. É a descoberta a ser feita, como desafio fundamental da vida.

O esclarecimento lúcido das razões que nos levam a agir de um determinado modo, tido como ético, em detrimento de outro modo, tido como não ético, implica a possibilidade da descoberta do sentido da vida e da vida feliz. A experiência sobre o sentido da vida, implicada com o místico, com o transcendente, com o indizível, com o numinoso, não é transmitida com descrições e exemplificações. A vida ética e o comportamento exemplar devem testemunhar a diferença da vida feliz da vida infeliz.

Os acordos celebrados em jogos de linguagem, calcados em formas de vida, expressam a copertença e a copresença do outro, em comunhão com o que há de mais elevado e valoroso no domínio da existência. A vida ética é a vida compromissada com o sentido e o valorativo e a recusa do que é abstrato e externo ao sentido do viver. As reflexões sobre ética de Wittgenstein mostram a busca por uma vida intensa, vibrante, em êxtase com a experiência de sentido instituída pela prática coerente e exemplar com os valores reconhecidos como relevantes para cada um e para todos.

Apesar de poucas considerações sobre ética no pensamento tardio de Wittgenstein, podemos concluir que elas são um convite a pensar e agir com autonomia, a partir do esclarecimento de razões soberanas que fazem com que o ato seja compreendido como expressão dos valores eleitos como base firme e inamovível dos jogos de linguagem. “A liberdade da vontade consiste em não se poder saber agora quais serão as ações futuras. Só poderíamos sabê-lo se a causalidade fosse uma necessidade interna, como a da inferência

lógica” (Wittgenstein, 1994, p. 209). As regras lógicas têm limites e lacunas, por isso, “[a] prática deve falar por si mesma”.

A ética implica em buscar ser feliz. Para isso, conforme Wittgenstein, devemos renunciar às facilidades e comodidades do mundo, enfrentar os desafios, buscar respostas e pensar por conta própria. Logo, a possibilidade da autonomia é decorrente de uma postura frente aos fatos, aos acontecimentos, ao mundo, encarando-os com uma postura singular para que o sentido seja encontrado e as práticas possam ser diferentes daquilo que vige. Por esta perspectiva, a atividade filosófica de buscar eliminar as formas de adoecimento do pensamento são formas de libertação e condição de possibilidade de agir com sentido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção Os Pensadores.
- Conferência sobre Ética. In: DALL’AGNOL, Darlei. *Ética e Linguagem: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein*. São Leopold: Editora Unisinos, 2005, p. 213-224.
- BOUWSMA, O. K. *Conversas com Wittgenstein, 1949-1951*. Rio de Janeiro: Relógio D’Água Editores, 2005. Tradução de Miguel Serras Pereira.
- DALL’AGNOL, D. *A Ética no Segundo Wittgenstein vista a Partir de Loparic. Kant e-Prints*, Campinas, Série 2, v. 5, n. 3, p. 02 - 13, número especial, jul.-dez., 2010.
- DIAMOND, C. *Wittgenstein, Ludwig. La philosophie morale de Wittgenstein et son influence sur les théories morales*. Dictionnaire d’éthique et de philosophie morale, vol. 2. Paris, Puf, 1996, p. 2086-2094.
- DRURY, O’C. *Algumas notas sobre conversaciones com Wittgenstein*. In: RHESS, R. *Recuerdos Wittgenstein*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- GADAMER, H-G. *O problema da consciência histórica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- GLOCK, H.-J. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Tradução de Helena Martins.
- HALLER, R. *A ética no pensamento de Wittgenstein*. Estudos Avançados, v. 11, n. 5, 1991.
- HARE, R. M. *Ética: problemas e propostas*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. Tradução de Mário Mascherpe e Cleide Antônia Rapucci.
- HELENO, J. M. M. *Wittgenstein. Ética e Cegueira Aspectual. Philósofos*, Goiânia, v. 26, nº 1, p. 197-229, jan./jun. 2021.
- JOURDAN, C. *Sobre Linguagem e Ética*. ANALYTICA, Rio de Janeiro, vol. 25 nº 2, 2021, p. 37-49.
- KANT, I. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70, 2005. Tradução de Paulo Quintana.

KOBER, M. *Gewissheit als Norm – Wittgenstein erkenntnistheoretische Untersuchungen in Über Gewißheit*. Quellen un Studium zur Philosophie – Herausgegeben von Jürgen Mittelstraß, Günther Patzig, Wolfgang Wieland -Band 35. Berlin-New York: Walter de Gruyter, 1993.

KUUSELA, O. Wittgenstein. *Ethics and Philosophical Clarification*. En: AGAM-SEGAL, R.; DAIN, E. (eds.). *Wittgenstein's Moral Thought*. 37 66. New York: Routledge, 2018.

LOPARIC, Z. *Ética Originária e Práxis Racionalizada*. In: DALL'AGNOL, D. Verdade e respeito. A filosofia de Ernst Tugendhat. Florianópolis: Edufsc, 2007, p. 263-344.

MARTINEZ, H. L. *Wittgenstein contra a doutrina da predestinação: religião e ética como sistema de referências*. In: Revista de Filosofia Autora, PUC-PR, vol. 21, nº 29, p. 313-328.

MOORE, G. E. *Principia Ethica*. São Paulo: Ícone, 1998. Tradução de Márcio Pugliese e Divaldo Roque de Meira.

PEREIRA, O. P. Prefácio Introdutório. In: GOLDSCHMIDT, Victor. *A Religião de Platão*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963. Tradução de Ieda e Osvaldo Porchat Pereira.

REGUERA, I. *Ludwig Wittgenstein*. Madrid: Edaf, 2002.

RHEES, Rush. *Acerca de la concepcion wittgensteiniana de la ética*. In: *Ludwig Wittgenstein Conferencia sobre ética*. Ediciones Paidós, ICE de la Universidad Autónoma de Barcelona, 1989. p.51-63.

SALLES, J. C. *Gatos, peixes e elefantes: a gramática dos acordos profundos*. São Paulo: Aretê Editora e Comunicação, 2024.

RHESS, R. *Wittgenstein's Philosophical Conversations with Rush Rhees (1939–50)*: From the Notes of Rush Rhees Ludwig Wittgenstein Rush Rhees Gabriel Citron (ed.) Yale. Downloaded from <http://mind.oxfordjournals.org/> by guest on July 2, 2015. Mind, Vol. 124. 493. January 2015. Swansea University and Citron 2015 Downloaded from <http://mind.oxfordjournals.org/> by guest on July 2, 2015. doi:10.1093/mind/fzu200.

STROLL, A. *Moore and Wittgenstein on Certainty*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

STROLL, A. Understanding On Certainty: Entry 194. In: HALLER, Rudolf; PUHL, Klaus. *Wittgenstein und die Zukunft der Philosophie – Eine Neubewertung nach 50 Jahren*. Akten des 24. Internationalen Wittgenstein-Symposiums. 12. bis 18. August 2001 – Kirchberg am Wechsel (Österreich). Wien: öbv&h, 2002.

VENTURINHA, N. *Lógica, ética, gramática: Wittgenstein e o método da filosofia*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010.

WITTGENSTEIN, L. *Fichas (ZETTEL)*. Lisboa: Edições 70, 1989. Tradução de Ana Berhan da Costa.

WITTGENSTEIN, L. *Conferencia sobre ética*. Con dos comentarios sobre la teoría del valor, trad. cast. 2. ed. Fina Birulés, Paidós-ICE-UAB, Barcelona, 1990.

WITTGENSTEIN, L. *Da Certeza*. Lisboa: Edições 70, 2000. Tradução de Maria Elisa Costa.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Observações sobre a filosofia da psicologia*. São Paulo: Ideias e Letras, 2008. Vol. I e II. Tradução de Ricardo H. P. Machado. Aparecida,

WITTGENSTEIN, L. *Aulas e conversas sobre estética, psicologia e fé religiosa*. Tradução de Miguel Tamen. Lisboa: Cotovia, 2009a.

WITTGENSTEIN, L. *Anotações sobre as Cores*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009b. Apresentação, estabelecimento do texto, tradução e notas de João Carlos Salles Pires da Silva.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. [Introdução de Bertrand Russell]. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Tradução de Marcos G. Montagnoli. Revisão da tradução: Emmanuel Carneiro Leão. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.